

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA**

OTÁVIO SEARA BRITO

**PERCEPÇÃO E AUTO EFICÁCIA SOBRE A COMPETIÇÃO DE MENINAS
NA INICIAÇÃO DO FUTSAL DO PROJETO LET IT GOL - CEFD - UFES**

VITÓRIA

2025

OTÁVIO SEARA BRITO

**PERCEPÇÃO E ALTA EFICÁCIA SOBRE A COMPETIÇÃO DE MENINAS
NA INICIAÇÃO DO FUTSAL DO PROJETO LET IT GOL - CEFD - UFES**

TCC apresentado como requisito parcial
para obter aprovação na disciplina TCC III
de Licenciatura em Educação Física pela
Universidade Federal do Espírito Santo –
UFES.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Zuaneti
Martins.

VITÓRIA

2025

RESUMO

O Festival Infanto Juvenil De Futsal - Let It Gol, busca oportunizar para garotas de 8 a 14 anos a participação na copa de futsal feminino que está na 3º edição, sendo realizada no Centro de Educação Física - CEFD, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Com objetivo de problematizar a percepção das meninas sobre a competição de meninas com faixa etária de 8 a 14 anos que estão na iniciação do futsal do projeto Let It Gol do Cefd - Ufes - Vitória - ES. Para caracterizar a percepção de meninas sobre competição, após a participação do festival, foi utilizado um questionário com 8 perguntas objetivas e 1 subjetiva em torno de questões de autoeficácia e participação, com opção de escala de 0 a 10. Responderam 48 jogadoras que participaram da competição. Na participação ajudando a equipe, observa-se que 37,50% das meninas indicaram uma participação moderada, enquanto 62,50% indicaram um nível elevado de satisfação. No que refere ao tocar na bola durante o jogo, 20,83% das meninas indicaram um aproveitamento intermediário em relação aos toques na bola, enquanto 72,92% relataram uma alta frequência de toques. Esse percentual expressivo evidencia que a dinâmica do jogo foi benéfica para as jogadoras, resultando em um desempenho satisfatório no que se refere à posse e distribuição da bola. No entanto, 6,25% das participantes relataram um tempo reduzido de atuação. Além disso, 16,67% indicaram ter jogado um período moderado, devido a estratégias de revezamento e substituições, permitindo que todas as jogadoras adquirissem uma experiência significativa em relação ao tempo de jogo. Por fim, 77,08% afirmaram ter participado por um tempo satisfatório, representando um percentual elevado de jogadoras que puderam usufruir do tempo máximo, respeitando seus limites físicos e emocionais ao longo do festival. As meninas relataram uma participação positiva, tanto na quantidade de toques na bola quanto no tempo de atuação. Além disso, o alto índice de satisfação aponta que estar ativamente envolvidas no festival fez com que se sentissem mais motivadas e engajadas, fomentando a experiência competitiva.

Palavras-chave: Participação; jogadoras; competição.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são para uma das pessoas que me inspirou a ter coragem para enfrentar os desafios que a vida nos proporciona, ainda mais com uma mudança de Estado, longe da família e amigos, esta pessoa é minha mãe, Selma Seara que desde criança vi sua batalha, Ela abriu mão dos seus sonhos e desejos, dedicando-se bastante ao trabalho para cuidar de três crianças. À minha avó, Dona Cosma, que infelizmente fará dois anos que ela faleceu, levou parte de mim, sinto muita falta, todos os dias, das nossas conversas, o cafézinho e pelos conselhos de sempre seguir meu sonho, não desistir da graduação mesmo com as dificuldades ela sempre me encorajou e torceu muito por mim, espero que a senhora onde esteja orgulhosa de onde estiver. Aos meus irmãos que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando no que for preciso, à minha avó paterna D'ajuda, que desde o início acreditou que este momento chegaria, com seus conselhos, suas histórias, seu carinho e zelo por mim.

À minha namorada, Celine, que foi parte essencial dessa jornada, com quem eu compartilhei as angústias, as alegrias e as empolgações da graduação. Que me aquietou, me ouviu e me incentivou. Saiba que sem você e seu apoio, eu também não conseguiria. Aos meus sogros que tem um significado muito importante nesta trajetória, é um sentimento de reconhecimento que o apoio deles também me proporcionou chegar a essa fase final.

Quero agradecer também aos colegas de curso, Julha, Richard, Adenor, Beatriz e toda a turma, que compartilharam vários momentos comigo e fizeram a rotina e as aulas ficarem leves, divertidas e construírem um ciclo que levarei comigo para além da Universidade.

À minha orientadora, Mariana Zuaneti Martins, muito obrigada pela compreensão e ajuda no processo de produção deste trabalho. À Letícia que esteve comigo durante esse processo, foi fundamental a sua presença para desenvolver este trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA	8
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
3. 1. Gênero	9
3. 2. Futebol Feminino	10
3.3. Competição	11
4. METODOLOGIA	13
4.1 Descritores	15
5. RESULTADOS	16
6. DISCUSSÃO	25
7. CONCLUSÃO	35
8. REFERÊNCIAS FINAIS	37
9. ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

O esporte, em suas diferentes manifestações, constitui-se como um importante meio de formação social, cultural e educacional de crianças e adolescentes, possibilitando experiências que ultrapassam o campo motor e alcançam dimensões éticas e relacionais (Bettega et al., 2020). Dentro desse cenário, o futsal ocupa lugar de destaque por sua popularidade, acessibilidade e potencial de inclusão. Entretanto, a participação feminina ainda encontra barreiras significativas, sobretudo em modalidades historicamente associadas ao universo masculino, como o futebol e suas variações.

Como observa Altmann (2011), a inserção das meninas em práticas esportivas coletivas é fundamental para desconstruir estereótipos de gênero que insistem em limitar suas possibilidades de envolvimento.

Nesse sentido, o desafio contemporâneo é criar espaços pedagógicos que promovam a equidade, devolvendo às jogadoras o direito de protagonizar suas próprias experiências no jogo, aspecto destacado por Scaglia e Leonardo (2022) ao defenderem que a essência do esporte deve estar em possibilitar ao praticante autonomia, prazer e aprendizagem significativa.

O Festival Infante Juvenil de Futsal Let It Gol, realizado pelo Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES) e organizado pelo laboratório LabeSport, surge como uma iniciativa que busca romper essas barreiras.

Em sua terceira edição, o evento oferece a meninas de 8 a 14 anos a oportunidade de vivenciar uma competição que se caracteriza tanto pelo espírito competitivo quanto pelo caráter festivo, promovendo a valorização e o fortalecimento do futsal feminino (Bettega et al., 2020). Assim, mais do que um torneio esportivo, o Let It Gol se constitui como um espaço de formação integral, no qual a aprendizagem extrapola os aspectos técnicos e alcança dimensões sociais, afetivas e éticas.

A desigualdade de gênero no esporte não é um fenômeno isolado, mas sim resultado de fatores sócio estruturais, culturais, políticos e sociais que historicamente limitaram o acesso e a representatividade feminina. Como

apontam Freitas et al. (2021), desde a infância as meninas são frequentemente direcionadas a papéis tradicionais que impactam suas possibilidades de participação em práticas corporais.

Nesse sentido, a Educação Física e o esporte escolar se tornam campos privilegiados para a problematização dessas diferenças e para a construção de alternativas inclusivas (Montenegro, 2022).

Diante desse contexto, iniciativas como o Let It Go! assumem importância estratégica ao possibilitar que meninas vivenciem sua primeira competição ou ampliem experiências já adquiridas, promovendo não apenas habilidades esportivas, mas também o protagonismo, a autonomia e a construção de valores como cooperação, empatia e fair-play.

Conforme destacam Altmann, Ayoub e Amaral (2011), a coeducação e o estímulo à participação conjunta de meninos e meninas nas práticas corporais permitem desconstruir concepções estereotipadas, ampliando o entendimento de que a prática esportiva é um espaço legítimo de todos e todas.

Nesse cenário, a competição deve ser compreendida não apenas como busca pela vitória, mas como processo formativo. Hernandez-Beltran et al. (2024) definem a competição como um esforço conjunto pela excelência, cujo valor está no ato de competir e não apenas no resultado. Quando conduzida em ambiente seguro e respeitoso, a competição favorece o desenvolvimento da confiança, da resiliência e da capacidade de lidar com vitórias e derrotas, estimulando o crescimento pessoal e social (Bettega et al., 2020).

A autoeficácia, conceito desenvolvido por Bandura (1977), desempenha papel central nesse processo. Trata-se da crença do indivíduo em sua própria capacidade de organizar e executar ações necessárias para atingir determinado desempenho.

No contexto esportivo, a percepção de autoeficácia é determinante para a motivação, o engajamento e a persistência das atletas diante de desafios. Zourbanos et al. (2016) ressaltam que fatores como ambiente, tarefas propostas e comportamentos vivenciados influenciam diretamente a construção da autoeficácia. Dessa forma, proporcionar experiências positivas no futsal é essencial para que as meninas reconheçam seus limites e potencialidades.

O projeto Let It Gol, ao unir competição, lazer e inclusão, apresenta-se como campo fértil para observar como meninas em processo de iniciação ao futsal percebem sua participação, sua eficácia e o significado atribuído à experiência esportiva.

Como indicam Leonardo e Scaglia (2022), devolver o jogo ao jogador ou jogadora é condição essencial para que o esporte cumpra seu papel pedagógico, formando sujeitos críticos, autônomos e conscientes de sua prática.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar a percepção e a autoeficácia de meninas de 8 a 14 anos em uma competição de iniciação ao futsal no projeto Let It Gol, no CEFD/UFES, buscando compreender de que forma a vivência no festival promove protagonismo, autonomia e aprendizagens significativas.

Para alcançar esse objetivo, investigar-se a partir de uma abordagem qualitativa das respostas das participantes em relação ao evento, relacionando tais dados às discussões acadêmicas sobre gênero, futsal feminino e competição esportiva.

Dessa maneira, a presente pesquisa articula a prática esportiva ao debate educacional e sociocultural, reconhecendo que a inclusão de meninas no futsal ultrapassa a dimensão esportiva, tornando-se um ato político, pedagógico e formativo.

Ao investigar como essas jovens percebem sua participação e eficácia na competição, busca-se contribuir para a construção de um olhar mais inclusivo, equitativo e transformador sobre o esporte, reafirmando-o como espaço de diversidade, empoderamento e cidadania.

2. JUSTIFICATIVA

Na área da educação física ou no alto rendimento, no ensino dos esportes coletivos geralmente são vistos com competitividade e o desejo da vitória a qualquer custo, mas com o projeto do festival infanto juvenil de futsal feminino.

No qual, tem como objetivo promover edições de copa sobre iniciação a este esporte, oportunizando meninas a vivenciarem o esporte e por meio dele construir valores éticos, morais, institucionais e fair-play do esporte proporcionando uma troca de valores com as companheiras de time, treinadora (o), adversárias e toda comunidade interna que participa do festival e externa.

O treinamento pode ser visto como um conteúdo importante na formação do indivíduo no processo de ensino desenvolvido pelo professor, desde que possibilite a sua utilização para atendimento às reais necessidades sociais, analisadas e assumidas com e pelo próprio grupo de pessoas envolvidas (Perez, p. 131)

Neste passo, a formação pessoal é um processo contínuo que necessita de uma progressão e rotina a cada treino para chegar na competição com autoestima, confiança, protagonismo e coletividade. Dito isso, o festival possibilita esse auto reconhecimento para a participação das meninas como protagonista do jogo, reconhecendo suas potencialidades, limites e possibilidades no projeto de iniciação ao futsal.

Por conseguinte, é importante ressaltar no âmbito educacional em relação a Educação Física, a reflexão crítica do gênero feminino nos esportes coletivos, em específico de acordo com o projeto de pesquisa, o futsal. De que forma o gênero feminino está inserido no contexto esportivo, sua trajetória e enfrentamentos para que tenham visibilidade, oportunidades e reconhecimento.

Dessa forma, contribuindo com uma pesquisa qualitativa para a área da educação física, com caráter formativo e problematizando o futsal com o gênero feminino. Proporcionando uma reflexão e discussão do tema que é presente nesta área.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3. 1. Gênero

De acordo com Freitas et al. (2021), ao falar sobre meninas, frequentemente espera-se que elas cumpram papéis tradicionais de gênero, tanto no comportamento quanto na estética.

Desta forma, elementos culturais como skate, saia e maquiagem são utilizados para simbolizar relações dicotômicas e evidenciar como as normas, sobretudo familiares que limitam suas possibilidades de criar novas linguagens ou atribuir novos significados a práticas já existentes.

O corpo, para algumas meninas, especialmente na transição da infância para a adolescência, ainda é um território desconhecido. A sexualidade, muitas vezes restringida no âmbito familiar, pode gerar dificuldades de aceitação, cuidado e experimentação do próprio corpo como expressão de gênero (Freitas et al., 2021).

O gênero é uma categoria histórica, complexa e dinâmica, e as meninas podem construir novas interpretações e práticas para ele. No contexto educacional, a formação cidadã para um mundo cada vez mais diversificado e plural exige reflexões críticas (Montenegro, 2022).

Na Educação Física, esporte e lazer se relacionam a práticas corporais culturalmente produzidas, que podem servir como espaços de questionamento dessas diferenças (Montenegro, 2022). Os esportes coletivos são amplamente utilizados por professores como estratégia de movimento corporal nas escolas (Kerne, 2014).

Ao vivenciar brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes, as pessoas expressam sentimentos, emoções, saberes e formas de interpretar o mundo (Montenegro, 2022).

Desde a infância, a forma distinta de educar corpos de meninos e meninas impacta habilidades e envolvimento com práticas corporais e aulas de Educação Física (Altmann; Ayoub; Amaral, 2011).

No Brasil, esportes coletivos como voleibol, futebol, basquetebol e handebol predominam nas aulas (Kerne, 2014), mas geram diferentes

representações para homens e mulheres, sustentando preconceitos sobre quem “pode” ou “deve” praticá-los e dificultando a coeducação (Saraiva, 2002).

A coeducação, segundo Louzada de Jesus e Deive (2006), é a prática em que meninos e meninas participam juntos das mesmas atividades, permitindo problematizar questões de gênero.

Para Altmann, Ayoub e Amaral (2011), esse trabalho conjunto possibilita desconstruir concepções estereotipadas do masculino e do feminino, mostrando que nem todos os meninos se identificam com esportes coletivos e que meninas também podem e querem participar — desde que tenham estímulos e oportunidades.

3. 2. Futebol Feminino

Historicamente, o futebol foi considerado um esporte masculino, sustentado pela associação estereotipada e preconceituosa entre a modalidade e atributos como vigor e força (Kerne, 2014). Embora fortemente ligado à identidade cultural do Brasil, o futebol também reflete conflitos e contradições, com casos de homofobia, misoginia e racismo (Montenegro, 2022).

O futebol feminino no Brasil foi marcado pela ausência de investimento e reconhecimento, gerando instabilidade e a sensação de “falta de futuro” (Goellner, 2005).

Apesar disso, a modalidade tem avançado, tornando-se um símbolo de inclusão e transformação social, presente em diferentes contextos: quadras, campos, clubes e escolas (Montenegro, 2022).

Barreiras culturais continuam limitando a participação feminina no esporte, exigindo políticas públicas de equidade de gênero (Goellner, 2011).

A estrutura de campeonatos femininos ainda é precária, tanto em termos físicos quanto financeiros, afetando a promoção da modalidade em níveis escolar, regional, estadual e nacional (Salvini; Ferreira; Marchi Júnior, 2014).

Dois marcos recentes impulsionaram o cenário: o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (2013) e a regulamentação da Confederação

Sul-Americana de Futebol - CONMEBOL (2019), que obrigou clubes masculinos a manterem equipes femininas para disputar torneios continentais (Martins; Delarmelina; Souza, 2023).

O crescimento do interesse pelo futebol feminino é resultado do estímulo à prática, da representatividade das atletas e da ressignificação do espaço esportivo.

Ainda assim, a modalidade no Brasil mantém estrutura semelhante ao futebol amador masculino, porém com menos campeonatos e categorias. Isso gera três níveis de dedicação: amador, semiprofissional e profissional (Montenegro, 2022), refletindo a diversidade de condições e os desafios de profissionalização (Martins; Delarmelina; Souza, 2023).

Questões como remuneração desigual e vínculos alternativos — como bolsas de estudo — reforçam as fronteiras difusas entre profissionalismo e amadorismo no futebol feminino (Martins; Delarmelina; Souza, 2023).

3.3. Competição

Os fatores que influenciam os tipos de autoeficácia — como ambiente, tarefas e comportamentos — são determinantes no desenvolvimento das jogadoras (Zourbanos et al., 2016). Criar um espaço seguro e respeitoso é essencial para que as atletas se sintam acolhidas, aumentando a confiança e a autonomia.

A adaptação de regras conforme o nível de competição pode estimular engajamento, criatividade e desenvolvimento individual e coletivo. Reduzir número de jogadoras ou o tamanho do campo, por exemplo, aumenta participação e eficácia das ações, favorecendo a autoeficácia (Oppici et al., 2018; Ortega-toro et al., 2018).

As regras preservam a essência da modalidade, mas seu formato adaptado potencializa os impactos cognitivos e formativos. Competição saudável envolve estímulos adequados, experiências positivas e desenvolvimento da percepção de autoeficácia.

Hernandez-Beltran et al. (2024) definem a competição como um esforço conjunto pela excelência, cujo valor está no ato de competir, e não apenas no resultado. Seus efeitos podem ser positivos ou negativos, mas atitudes

desrespeitosas ou má conduta não representam a verdadeira essência da competição, e sim desvios individuais.

A competição, quando conduzida com respeito, flexibilidade e objetivos claros, contribui para o crescimento pessoal e social, desenvolvendo cooperação, empatia, resiliência e capacidade de lidar tanto com vitórias quanto com derrotas (Bettega et al., 2020).

4. METODOLOGIA

O projeto Copa Let it Go - Festival infanto - juvenil de Futsal Feminino é um evento de extensão, a principal área temática de extensão é cultural e educacional, na linha de extensão do esporte e lazer, trata-se da terceira edição do festival, mais uma iniciativa do Grupo de estudos e pesquisas que se debruçam sobre a temática do esporte e das relações de gênero (GRUPA).

A Grupa é um grupo de estudos e pesquisas, sediado na Universidade Federal do Espírito Santo, que se debruça sobre a temática do esporte e das relações de gênero. A proposta é de estudar o ensino e treinamento do esporte atravessado pelos marcadores culturais de gênero e sexualidade, considerando que aprendemos e jogamos como pessoas imersas em relações sociais que influenciam nossa apropriação deste fenômeno.

Tal atividade busca proporcionar a meninas que encontram-se engajadas no processo de iniciação à aprendizagem da modalidade esportiva futsal, espaços seguros de protagonismo e vivência da prática.

Serão oportunizadas, novas redes de contato tanto entre aqueles/as profissionais que, empenhados em contribuir com o ensino-aprendizagem do futsal, se sensibilizam e oportunizam a inserção de meninas nesses espaços de prática; quanto entre eles e elas e a comunidade acadêmica.

A copa let it gol é caracterizada por promover para o público-alvo externo, que são meninas com idades entre 8 e 13 anos que atualmente estejam matriculadas em escolinhas esportivas e/ou projetos escolares que buscam o ensino-treinamento da modalidade esportiva futsal.

O método de pesquisa consiste na pesquisa qualitativa, para realização desta pesquisa, foi realizada a 3º edição da copa Let it Gol no ginásio no Centro de Educação Física da Ufes. No levantamento de dados, foi utilizado como instrumento de pesquisa o questionário.

Neste questionário do festival foram disponibilizados quarenta e oito questionários para as jogadora, contendo oito perguntas e sete são para selecionar uma opção de zero a dez para cada pergunta, a oitava pergunta

possui seis alternativas na qual é respondida uma delas ou mais de uma alternativa para as jogadoras escolherem.

Logo a coleta de dados se deu por meio dos questionários (disponibilizado na seção “Anexos”) preenchidos recebidos das participantes do festival, e após todo o processo de análise das respostas de aplicar o questionário e depois recebê-los para a criação do banco de dados com as tabelas de cada pergunta e respostas.

Esse banco de dados passou por uma filtragem das respostas por meio da plataforma excel, no processo seguinte a criação de gráficos com estatísticas das perguntas para demonstrar a média de resultados com as respostas das 48 respostas, houve uma segunda filtragem dos gráficos para gerar a discussão dos resultados e discussões.

A revisão bibliográfica realizada para um embasamento teórico com autores da área esportiva de gênero no futebol feminino, visando relacionar as idéias e conceitos de acordo com as perguntas e repostas do questionário buscamos entender, problematizar, discutir e refletir por meio da revisão após a construção do banco de dados e os gráficos das respostas do questionário.

A pesquisa seguiu as seguintes palavras chaves - futebol feminino, autoeficácia, competição escolar e futsal feminino nos seguintes descritores: Scientific Electronic Library Online - (SciELO Brasil), com uma quantidade de 48 artigos sobre futebol feminino, 18 sobre futsal feminino, 31 competição escolar e 382 autoeficácia.

Na revista Revista Brasileira de Futsal e Futebol - (RBFF), foram encontrados 54 artigos sobre futebol feminino, 71 futsal feminino, 10 sobre competição escolar, 3 sobre autoeficácia. Já no google acadêmico, foram encontrados artigos em maiores quantidades.

Sendo eles sobre futebol feminino com 16.000 artigos, futsal feminino em 11.700, a competição escolar com 15.800 e autoeficácia com 16.500 artigos. Para o processo de filtragem dos artigos, foram utilizadas plataformas como o Zotero que é uma ferramenta para coletar, organizar, anotar, citar e compartilhar pesquisas.

A outra plataforma é a Rayyan, que é uma ferramenta de colaboração e pesquisa em busca de descobertas científicas e médicas para organizar,

gerenciar e revisar. Com o uso destas plataformas o processo de filtragem resultou em 14 artigos filtrados por meio do Zotero, Rryan e Sci-Hub.

4.1 Descritores

SciELO			
Nome	Quantidade	Ano	Lugar
Alta Eficácia	476	2005--2024	Brasil
Autoeficácia	382	200-2024	Brasil
Futebol Feminino	48	1999-2024	Brasil
Competição Escolar	31	2000-2024	Brasil, Colômbia, Costa Rica, Espanha, Chile, Cuba, México E Peru
Futsal Feminino	18	2010-2020	Brasil

RBFF			
Nome	Quantidade	Ano	Lugar
Alta Eficácia	3	2009-2024	Brasil
Futebol Feminino	54	2009-2024	Brasil
Competição Escolar	10	2009-2024	Brasil
Futsal Feminino	71	2009-2024	Brasil

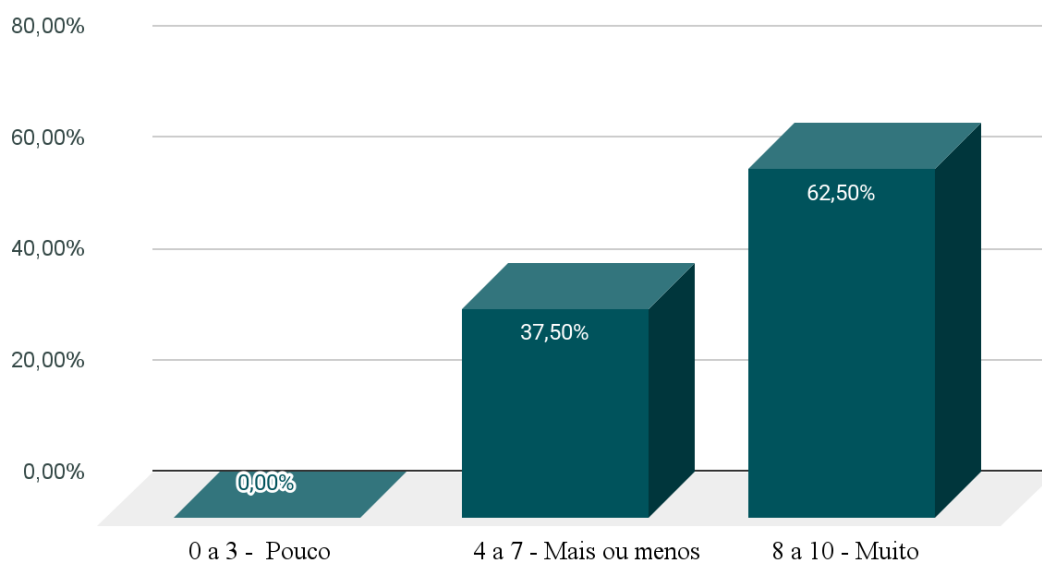
ACADÊMICO			
Nome	Quantidade	Ano	Lugar
Autoeficácia	16.500	2015--2025	Brasil
Alta Eficácia	122.000	2015--2025	Brasil
Futebol Feminino	16.000	2015-2025	Brasil
Competição Escolar	15.800	2015-2025	Brasil
Futsal Feminino	11.700	2015-2025	Brasil

5. RESULTADOS

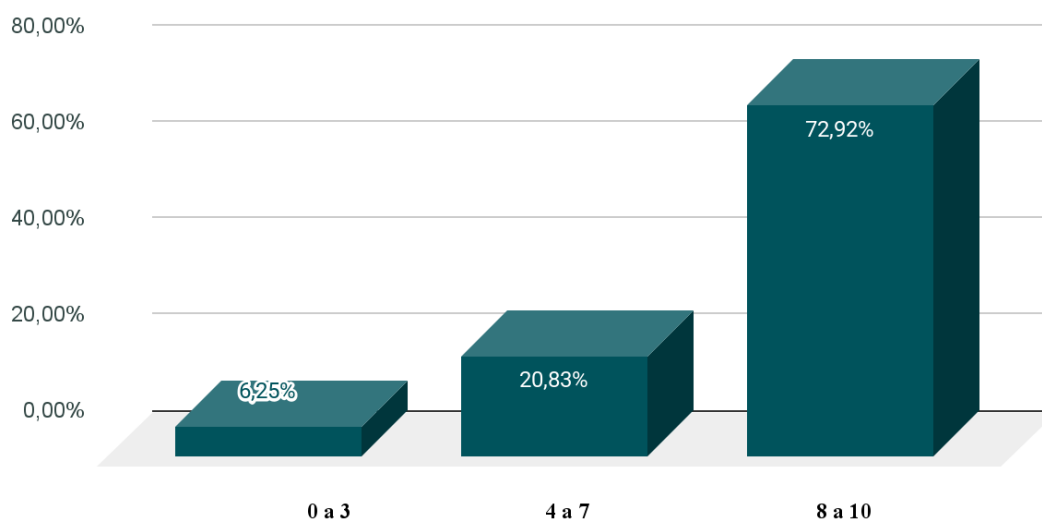
Ao analisar os dados de percepção de participação das jogadoras e compará-los com as respostas sobre o que foi considerado mais divertido no evento, percebe-se uma relação interessante entre o nível de engajamento percebido e os fatores que proporcionaram diversão.

De modo geral, a alta percepção de participação — identificada em percentuais expressivos como 62,50% no item “participou ajudando a equipe”, 72,92% em “toque de bola” e 77,08% em “tempo de jogo” — indica que a maioria das atletas se sentiu efetivamente envolvida nas ações do jogo.

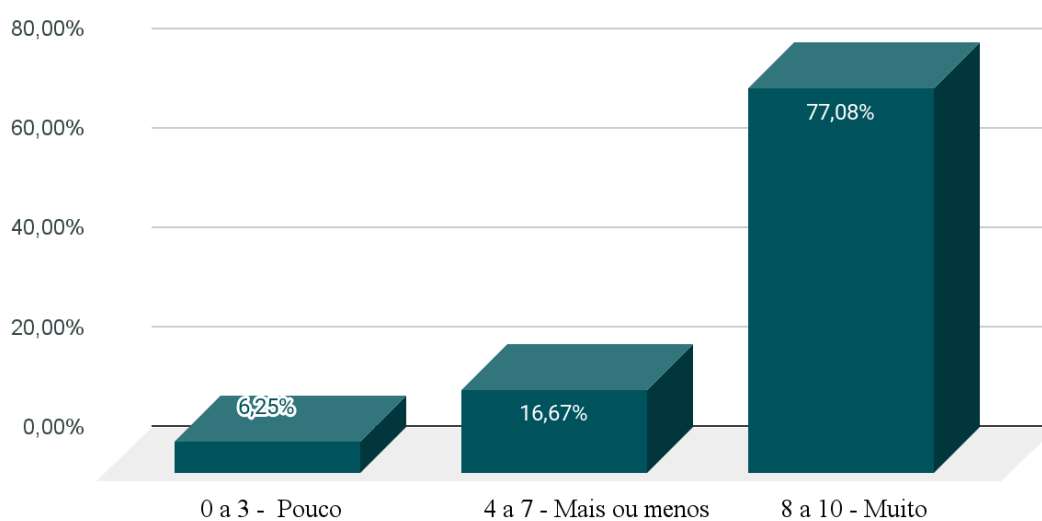
PARTICIPOU DO JOGO AJUDANDO SUA EQUIPE



QUANTO VOCÊ SE SENTIU QUE NESSE JOGO VOCÊ TOCOU NA BOLA?



COM RELAÇÃO AO TEMPO QUE VOCÊ JOGOU NO FESTIVAL, VOCÊ ACHA QUE FOI:

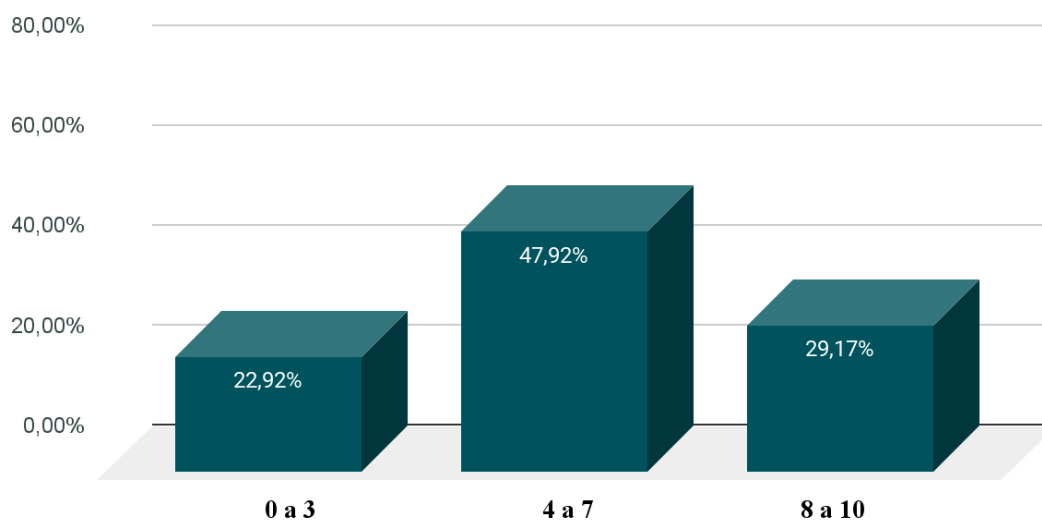


Para essas jogadoras, a diversão esteve mais associada a elementos de convivência, apoio e experiências positivas dentro e fora da quadra, isso se reflete no grupo de 55,81% das respostas que apontaram como mais divertidos, aspectos como ter os pais assistindo, jogar com as amigas e atuar em uma quadra diferente.

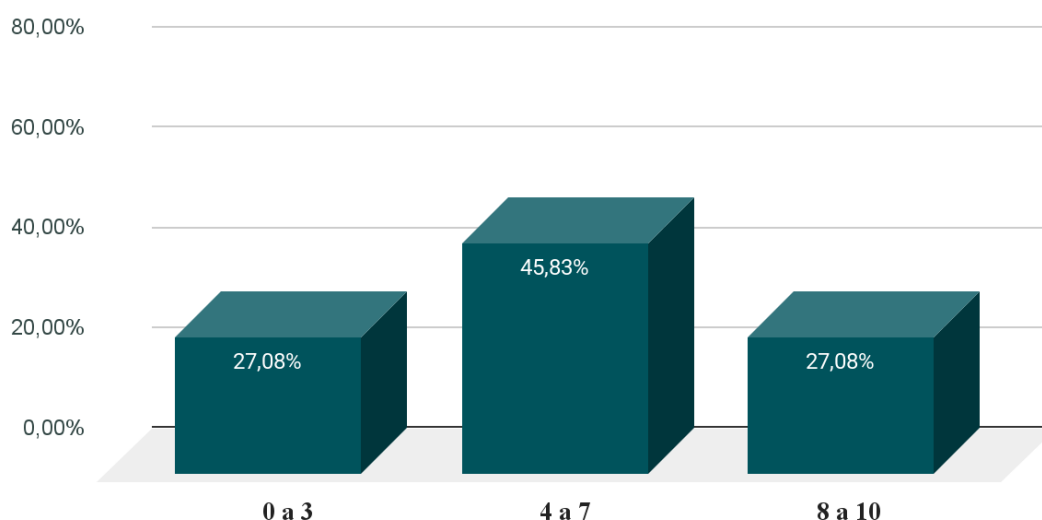
Dessa forma, esses fatores reforçam a importância de um ambiente acolhedor e motivador, onde a participação ativa é acompanhada por interações sociais significativas.

Por outro lado, as jogadoras que apresentaram percepção mais baixa ou intermediária de participação — visível, por exemplo, nos 37,50% que marcaram “mais ou menos” para participação ajudando a equipe, ou nos percentuais menores para habilidades específicas como chutar ao gol (22,92% baixa percepção) e driblar (27,08% baixa percepção) — tendem a associar a diversão a momentos pontuais e ao caráter competitivo do evento.

QUANTO VOCÊ SE SENTIU CAPAZ DE CHUTAR AO GOL NESSE JOGO?



QUANTO VOC SE SENTIU CAPAZ DE DRIBLAR UMA ADVERSÁRIA?



Visto que, isso se evidencia nas respostas de 44,19% que consideraram mais divertido competir contra outros times, conhecer novas adversárias e marcar gols. Nesses casos, a experiência positiva parece ter sido mais vinculada a conquistas e desafios individuais ou coletivos, do que a um envolvimento constante durante toda a partida.

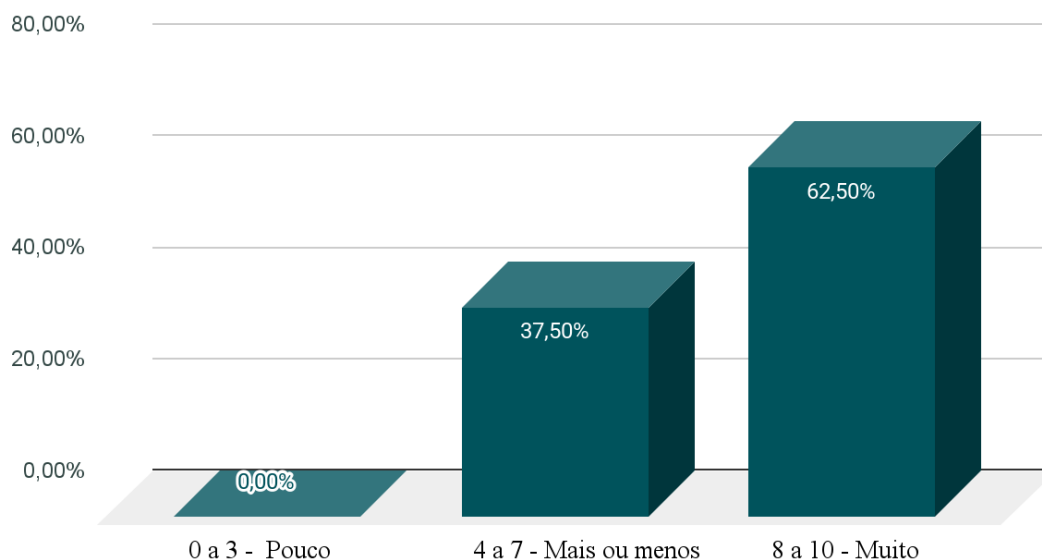
Assim, a comparação revela que um alto nível de participação percebida favorece a valorização de aspectos relacionais e ambientais como fontes de diversão, enquanto níveis mais baixos ou intermediários de participação levam a uma ênfase maior em momentos específicos de superação e competição.

Em suma, essas comparações sugerem que estratégias para ampliar a participação ativa podem não apenas melhorar o desempenho, mas também diversificar as formas de prazer e engajamento das jogadoras durante o evento.

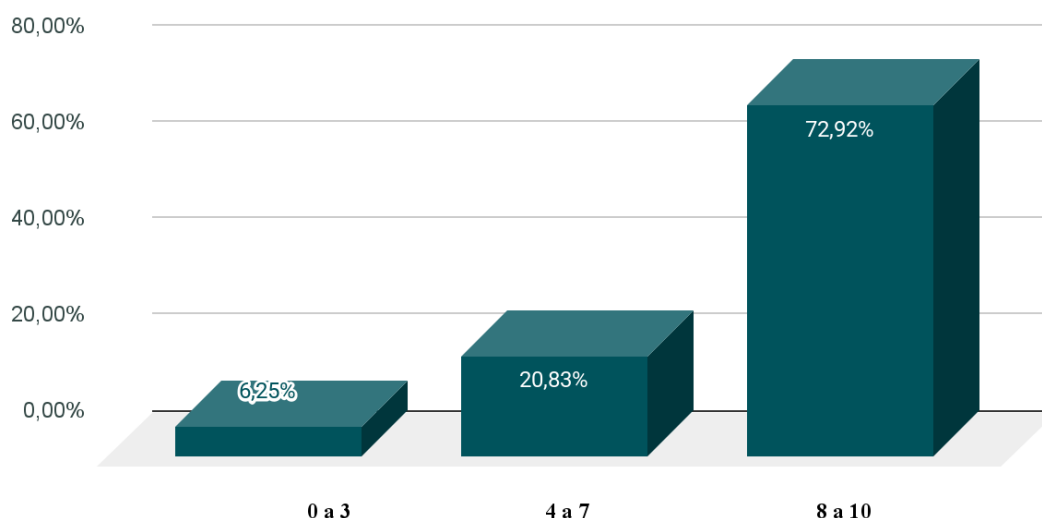
Ao observar de forma aprofundada a relação entre os dados de percepção de participação e as respostas sobre o que foi considerado mais divertido, torna-se evidente que o nível de engajamento das jogadoras no festival “Let It Gol” molda diretamente a maneira como elas vivenciam e avaliam a experiência.

Quando analisamos os casos de alta percepção de participação, encontramos números expressivos: 62,50% declararam ter participado muito ajudando a equipe, 72,92% relataram ter tocado bastante na bola e 77,08% consideraram que tiveram um tempo de jogo muito bom.

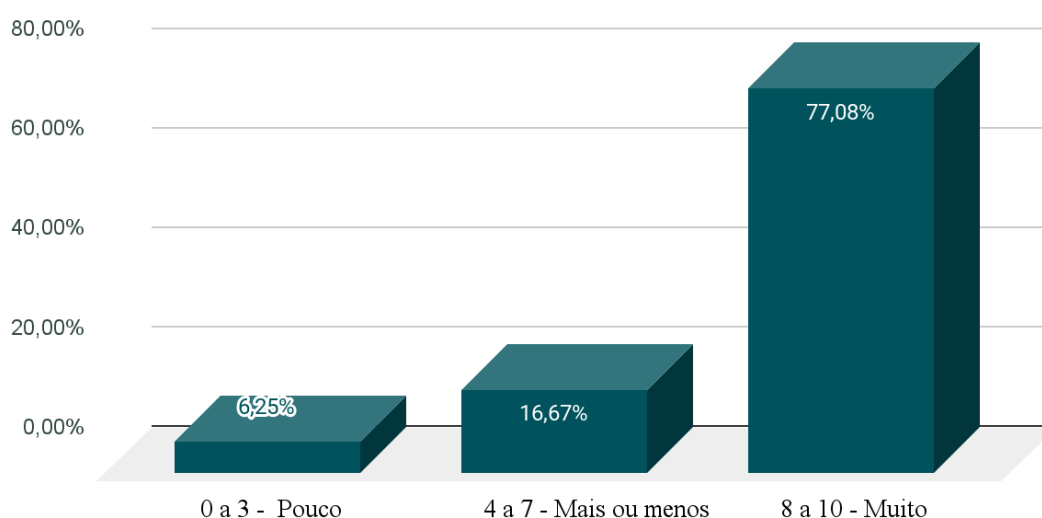
PARTICIPOU DO JOGO AJUDANDO SUA EQUIPE



QUANTO VOCÊ SE SENTIU QUE NESSE JOGO VOCÊ TOCOU NA BOLA?



COM RELAÇÃO AO TEMPO QUE VOCÊ JOGOU NO FESTIVAL, VOCÊ ACHA QUE FOI:



Esses indicadores não apenas revelam um envolvimento intenso nas ações do jogo, mas também se conectam com respostas que valorizam fortemente o aspecto social e afetivo da prática esportiva, é nesse grupo que encontramos maior incidência de respostas como “ter os pais assistindo”, “estar com as amigas” e “jogar em uma quadra diferente” elementos que, juntos, representam 55,81% das menções ao que foi mais divertido.

Esse vínculo entre participação elevada e valorização de aspectos relacionais dialoga com a concepção defendida por Leonardo e Scaglia (2022), segundo a qual um ambiente seguro, no qual a autonomia das atletas é preservada, favorece não apenas a prática esportiva em si, mas também a construção de memórias positivas associadas ao jogo.

Desse modo, quando a jogadora sente que esteve envolvida, ativa e reconhecida durante a partida, a experiência deixa de ser apenas sobre o desempenho técnico e passa a incluir vínculos interpessoais, sentimentos de pertencimento e apoio emocional. Ter os pais assistindo, por exemplo, não é apenas um momento de incentivo, mas um reforço simbólico de reconhecimento e validação, fortalecendo a autoestima e a motivação.

Por outro lado, os dados referentes à baixa ou média percepção de participação mostram um quadro distinto, por exemplo, percentuais como 37,50% que responderam “mais ou menos” sobre ajudar a equipe, 22,92% que se sentiram pouco capazes de chutar ao gol e 27,08% que tiveram baixa percepção no drible indicam que uma parte significativa das jogadoras não se percebeu como protagonista ou altamente envolvida durante todo o evento.

Nesses casos, a diversão relatada tende a se concentrar em momentos específicos de impacto como “competir contra outros times”, “marcar gols” e “conhecer outras meninas” que, somados, representam 44,19% das respostas.

Essa diferença de perspectiva sugere que, para aquelas com menor engajamento contínuo, os momentos de destaque e superação pessoal são os que permanecem na memória como mais prazerosos. A análise se aproxima das reflexões de Crane e Temple (2015), que reconhecem a competição como elemento motivador, sobretudo quando o atleta encontra no desafio um ponto alto de sua experiência.

Nesse sentido, mesmo que a participação global não tenha sido intensa, a vivência de conquistas pontuais, como marcar um gol ou superar uma adversária, pode gerar uma satisfação imediata que se sobrepõe à falta de constância no envolvimento geral.

A partir dessas observações, fica evidente que o fator tempo de jogo exerce influência direta sobre ambas as dimensões, como destacado nos dados, 77,08% das jogadoras relataram que tiveram um tempo de atuação

muito bom, o que, segundo Leonardo, Galatti e Scaglia (2017), é fundamental para evitar experiências negativas e garantir que a prática esportiva seja significativa.

O tempo em quadra não apenas amplia a oportunidade de execução de fundamentos técnicos, como também cria mais chances para interações sociais e vivências coletivas positivas, quando o tempo é reduzido, há uma limitação natural das possibilidades de envolvimento, o que tende a direcionar a percepção de diversão para eventos mais pontuais e isolados.

Outro aspecto importante é que a percepção de participação está relacionada ao grau de familiaridade com o esporte e à confiança técnica, pois as jogadoras que já treinam regularmente ou têm maior experiência demonstraram mais facilidade em executar fundamentos como drible, chute e interceptação de passes, o que as coloca em posições mais ativas durante a partida.

Esse protagonismo técnico favorece um ciclo positivo: mais participação leva a mais oportunidades de sucesso, que, por sua vez, fortalecem a confiança e ampliam o leque de elementos vivenciados como prazerosos.

Em contrapartida, quem está no início do processo de aprendizagem ou não têm acesso frequente a treinos tende a ter menos contato com a bola, sentir mais insegurança e, conseqüentemente, ter uma percepção de participação mais baixa.

Essa análise mostra que participação e diversão estão diretamente ligadas, mas não de forma linear, para quem participa muito, a diversão é abrangente e inclui tanto o desempenho técnico quanto às relações sociais e o ambiente positivo.

Por outro lado, para quem participa menos, a diversão se ancora em momentos isolados de impacto, quase sempre associados ao aspecto competitivo.

Portanto, essa constatação reforça a importância de adotar estratégias pedagógicas e organizacionais que maximizem o envolvimento de todas as participantes, não apenas das mais experientes ou habilidosas.

Como sugerem Leonardo, Galatti e Scaglia (2017), a criação de contextos de prática menos burocratizados, com acesso facilitado e valorização da experiência coletiva, é fundamental para que tanto a

competição quanto a socialização sejam vistas como partes integradas do processo de aprendizagem.

Dessa forma, seria possível reduzir desigualdades de participação e garantir que a diversão em suas diferentes formas esteja ao alcance de todas, independentemente do nível técnico ou do tempo prévio de contato com o futsal.

6. DISCUSSÃO

Nesta discussão, serão evidenciados, dados sobre o festival infantil juvenil “Let It Gol”, realizado no Centro de educação física da universidade federal do Espírito Santo, Vitória-ES.

No questionário aplicado, foram realizadas perguntas com opções de 0 a 10, as opções, 0 a 3 (POUCO), 4 a 7 (MAIS OU MENOS) e 8 a 10 (MUITO).

De acordo com os dados, podemos observar que a participação é um fator crucial e determinante para uma prática esportiva, não sendo discordante, a participação no futsal, que por sua vez, proporciona diversos fatores, sendo um deles a autonomia da atleta.

O que significa, uma escolha boa em si, proporcionando condições para um comportamento autônomo, baseado no desejo pessoal que é compartilhado e aceito num determinado contexto social. (Leonardo; Scaglia, 2022).

No entanto, há obstáculos que regem muita das vezes a defasagem da participação de meninas em campeonatos, escolinhas, ou até mesmo na aula de educação física. E o gênero é um fator social que implica diretamente, quando o significado culturalmente é direcionado se diferenças entre ser homem e ser mulher, e como essas diferenças são produzidas e significadas em relação às dinâmicas de poder que aferem hierarquias e desigualdades. (Martins; Delarmelina; Souza, 2024).

Desse modo, o tempo que condiz com a participação é importante para gerar, uma participação prazerosa, divertida, além de fatores técnico e competitivo que são necessários, mas não deixar de ressaltar a participação das jogadoras em propor adaptações de regras de acordo com o decorrer do jogo, construir um ambiente seguro e confiável para exercer a prática.

Tendo em vista, como o tempo de participação pode interferir indiretamente ou diretamente na expectativa do seu desempenho individual, fazendo com que obtenha uma boa ou má experiência, com diversos fatores, como a condição física, emocional, experiência de jogo ou não, ambiente saudável ou não durante a partida.

Desse modo, à análise dos dados de participação do jogo ajudando a equipe, podemos notar que, 37.50%, responderam que participaram mais ou menos e 62.50%, demonstraram um nível de satisfação maior, marcando assim, alternativas que equivalem participação muito boa, no sentido do ápice pessoal de participar ativamente do jogo.

Todavia, 6.25% responderam que tiveram um menor tempo de atuação, fatores determinantes que podem influenciar como mencionados acima, 16.67% responderam que jogaram mais ou menos um tempo considerável, podendo ter revezamento, substituições para que todas atuem o tempo que possam construir uma experiência significativa do tempo de jogar, 77.08% responderam que jogaram um tempo muito bom, podendo considerar um alto percentual de jogadoras que puderam usufruir o tempo máximo, respeitando suas condições físicas e emocional durante o festival.

Conforme os dados explicitados no Gráfico 01 e Gráfico 07.

Gráfico 01 - Participou do jogo ajudando sua equipe. Fonte: Elaboração Própria.

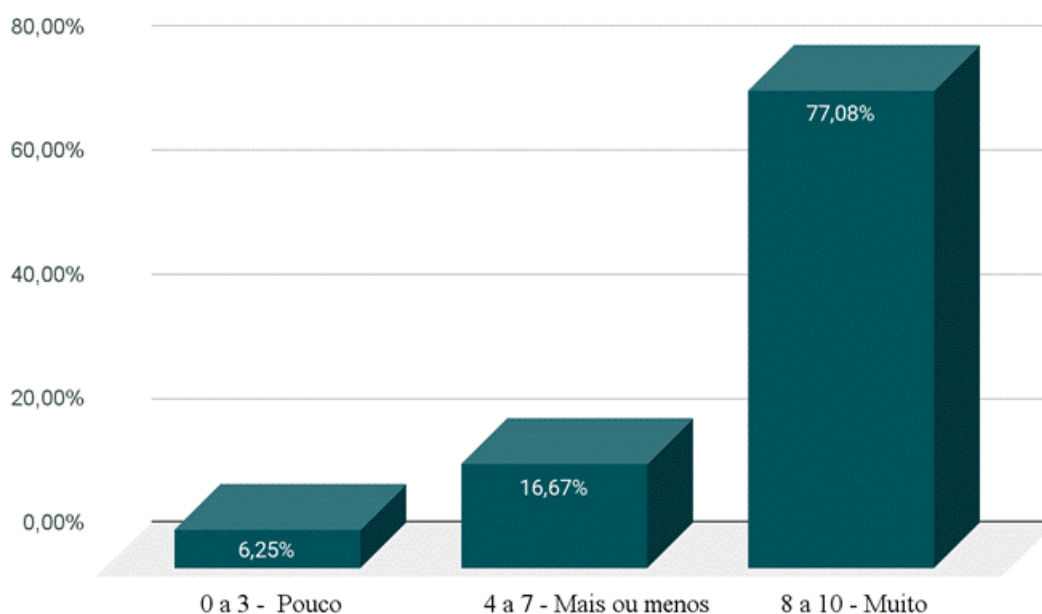
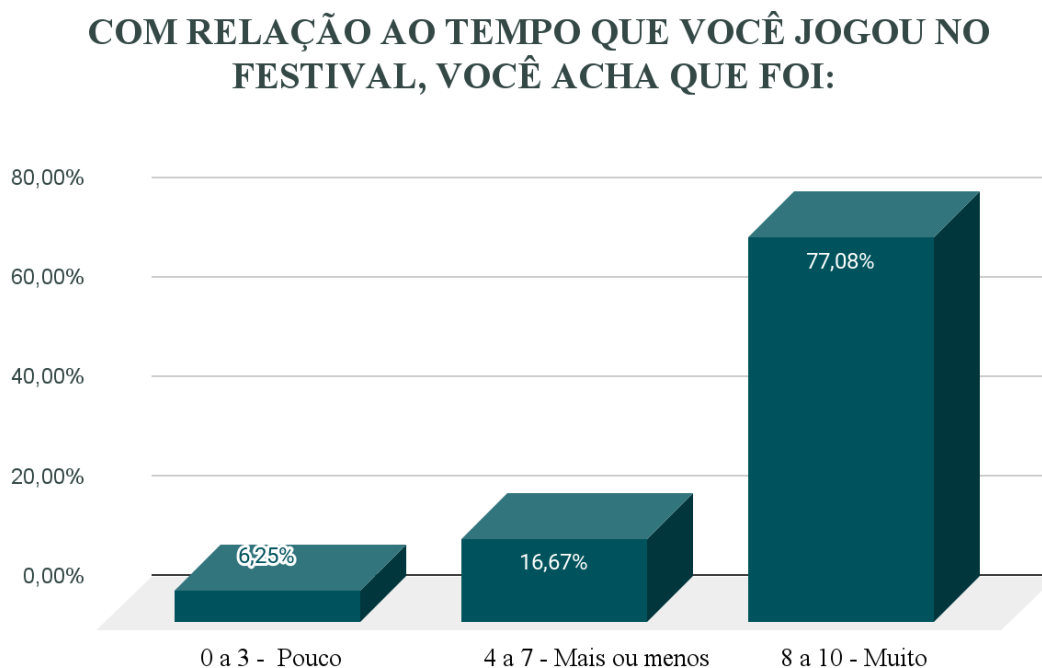


Gráfico 07 - Com relação ao tempo que você jogou no festival, você acha que foi. Fonte: Elaboração própria.



Nessa vereda, o toque na bola é crucial durante o jogo, pois evidencia a participação ativa das jogadoras, e nessa questão do toque, a movimentação o “aparecer para receber” durante o jogo é fundamental para fluir a partida, jogadas ensaiadas, a participação, dentre outros fatores.

Comecemos por, 6.25% que responderam menor toque na bola durante o jogo, podemos notar um percentual baixo com relação ao não toque da bola, fator que é positivo, pois houve um maior aproveitamento de toques.

Em seguida, com 20.83% responderam que tiveram mais ou menos aproveitamento de toque, agora, 72.92% responderam que tiveram muitos toques, é um percentual significativo e podemos observar que foi proveitoso para as jogadoras, tendo um aproveitamento positivo em relação ao toque de bola.

Desse modo, o toque de bola, pode proporcionar alguns fundamentos do futsal, sendo ele o drible que é uma ferramenta individual utilizada para escapar da marcação, proporcionar um passe ou chute ao gol.

Para o drible ser executado, a jogadora permite que sua equipe se coloque em posição de vantagem, deixando a adversária para trás, pois a quadra não permite uma extensa condução de bola, abrindo possibilidade para o chute (Monteiro, 2019).

27.08% como menor aproveitamento de driblar uma adversária, pois, é necessário também um contato maior com o esporte para utilizar das técnicas de movimento corporal e controle de bola para efetuar contra uma adversária, por isso, podemos observar esse percentual que, muitas das vezes, quem ainda está no processo de iniciação.

Por outro lado, 45.93%, responderam que foi mais ou menos, pois, é a maioria que tentaram e conseguiram, é um número significativo, por ser um fundamento presente na modalidade, já 27.08% conseguiram um maior êxito no drible, demonstrando assim, afinidade e mais contato com o drible, tendo facilidade de execução.

Nesse passo, ao recorrer ao drible, abre possibilidades de passe, movimentações e também, o chute. um dos fundamentos principais e determinantes para obter um resultado positivo no jogo, com base no chute podemos observar os dados sobre a questão de quanto as jogadoras se sentiram capazes de chutar ao gol, tendo em vista, fatores nos quais, quem está na fase de iniciação ao esporte pode se deparar.

O chute é um fundamento que requer alguns aspectos motores, por exemplo, força, técnica e coordenação. Quando combinados, se torna uma virtude no futsal. No entanto, existem diversas formas de chutar a bola, sendo um fundamento utilizado no decorrer do jogo o tempo todo, presente em jogadas ofensivas e defensivas. (Monteiro, 2019).

A confiança para chutar, sem o sentimento de medo de errar sobressaindo, a questão da afinidade com o esporte que demonstra técnicas de chute, movimentações para receber o passe e concluir chutando para o gol, são aspectos que pode se notar na porcentagem considerada pouco.

Foram, 22.92% que consideraram pouco capacidade de chute durante este jogo, ademais, podemos observar, o processo de tomada de decisão, a confiança, a determinação de vitória e a vontade de marcar gols nesse percentual de chute que foi muito positivo.

Dessa forma, 47.92%, responderam mais ou menos, pois, a maioria conseguiu chutar mais de uma vez para o gol, e 29.17% consideraram muito capazes, quem já joga e treina diariamente possui uma maior facilidade na execução, quem já é natural da posição de ataque e podemos notar que, a maior porcentagem se deu, mais ou menos, ou seja, chutaram mais de uma vez ao gol.

Com base nos gráficos 06, 05 e 02.

Gráfico 06 - Quanto Você Se Sentiu Que Nesse Jogo Você Tocou Na Bola? Fonte: Elaboração Própria.

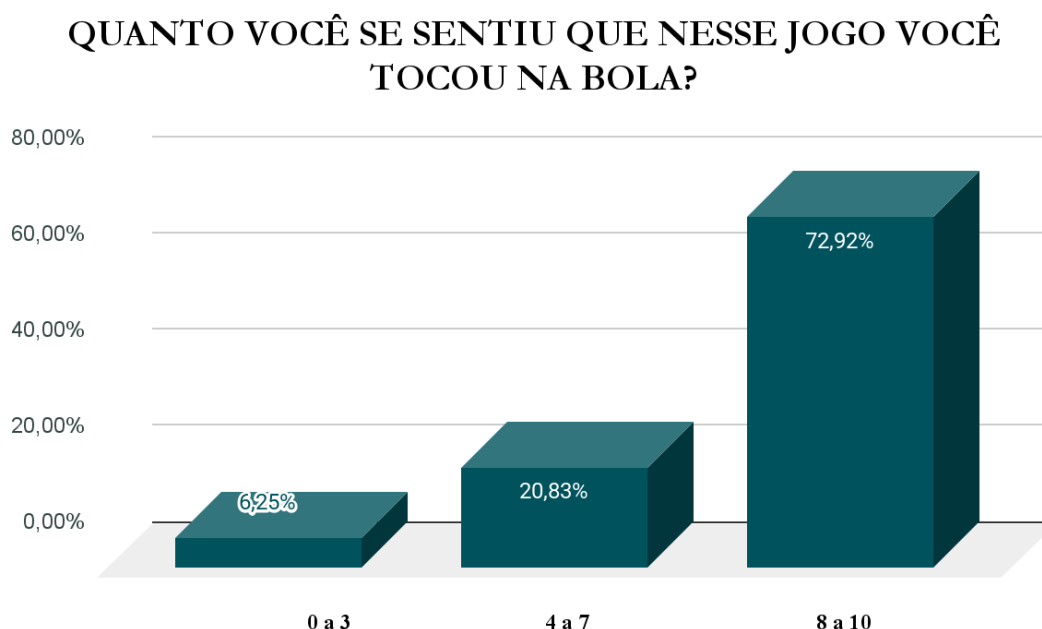
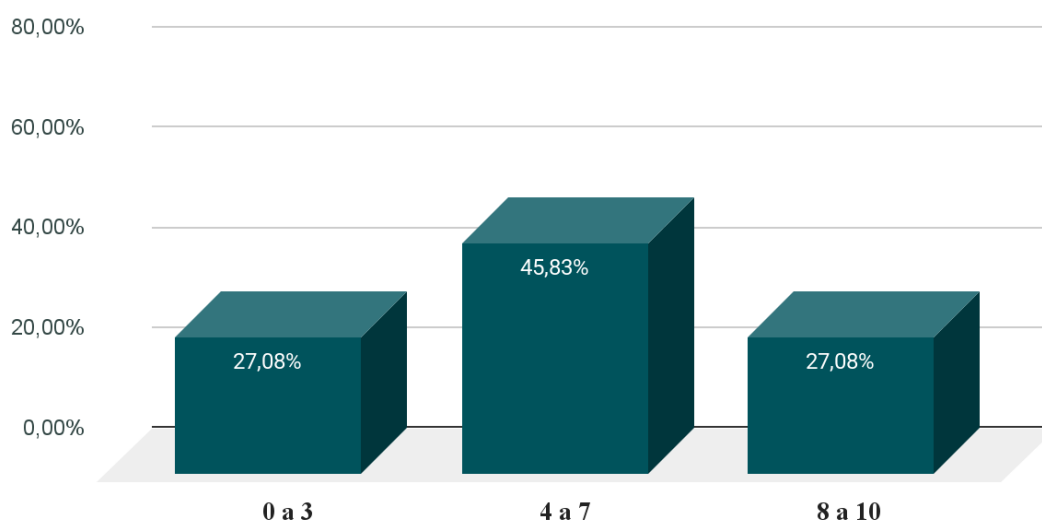


Gráfico 05 - Quanto Você Se Sentiu Capaz De Driblar Uma Adversária? Fonte: Elaboração Própria.

QUANTO VOC SE SENTIU CAPAZ DE DRIBLAR UMA ADVERSÁRIA?



QUANTO VOCÊ SE SENTIU CAPAZ DE CHUTAR AO GOL NESSE JOGO?

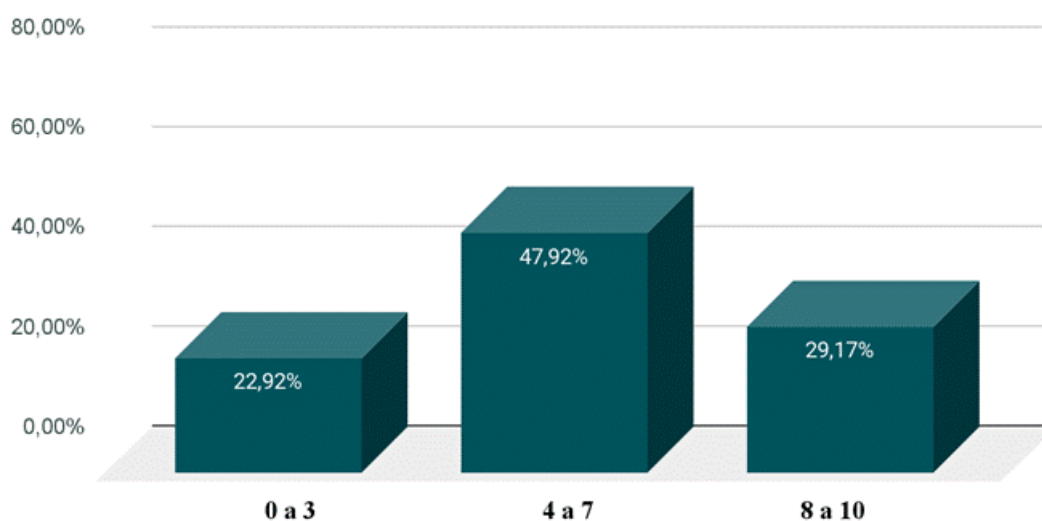


Gráfico 02 - Quanto Você Se Sentiu Capaz De Chutar Ao Gol Nesse Jogo? Fonte: Elaboração Própria.

Nessa vereda, ao jogar ofensivamente, proporciona ao time adversário as ações defensivas, sendo uma delas, a roubada de bola, na qual as interceptações de passes rasteiros, cruzamentos, chutes, dribles e lançamentos estão presentes nestes seguintes dados roubada de bola das adversárias, 2,08%, responderam que tiveram menor aproveitamento, muita

das vezes o receio do contato físico na disputa da bola e gerar alguma lesão é um dos pontos que podem estar presente para evitar ou tentar poucas vezes a roubada de bola, Já 47.92%, alcançaram um percentual considerável médio, ademais, atingiram 50% no quesito de roubar bolas da adversária durante o jogo.

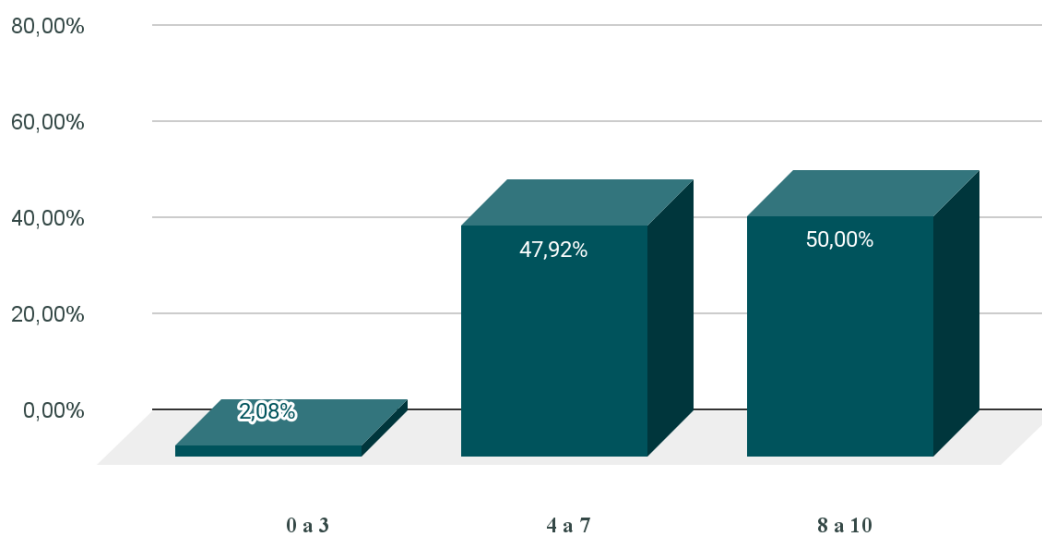
Podemos tomar como parâmetro comparativo, o quanto se sentiram capaz de atuar na defesa/zaga neste jogo, no futsal, a palavra “fixo”, comparado ao zagueiro do futebol de campo, possui a função defensiva, sendo o último jogador, organizando o sistema de defesa da equipe, tendo auxílio das alas para recuperar a bola (Monteiro, 2019).

Em razão disso, com maior aproveitamento nestes percentuais, podemos observar que, as jogadoras puderam usar deste fundamento para a busca de interceptações/roubadas de bola para colocar o seu time em vantagem ofensiva. Podemos observar que, 2.08%, responderam a menor satisfação, 41.67%, mais ou menos e 56.25%, obtiveram um maior resultado durante este jogo.

Contudo, podemos observar, um aproveitamento positivo na capacidade de atuar na defesa, tendo em vista que, no gráfico 03 e 04, as atuações foram proveitosas pelas jogadoras em roubadas de bola e atuação na posição defensiva.

Gráfico 04 - Quanto Você Se Sentiu Capaz De Roubar Bolas Da Adversária? Fonte: Elaboração Própria.

QUANTO VOCÊ SE SENTIU CAPAZ DE ROUBAR BOLAS DA ADVERSÁRIA?



QUANTO VOCÊ SE SENTIU CAPAZ DE ATUAR NA DEFESA/ZAGA NESSE JOGO?

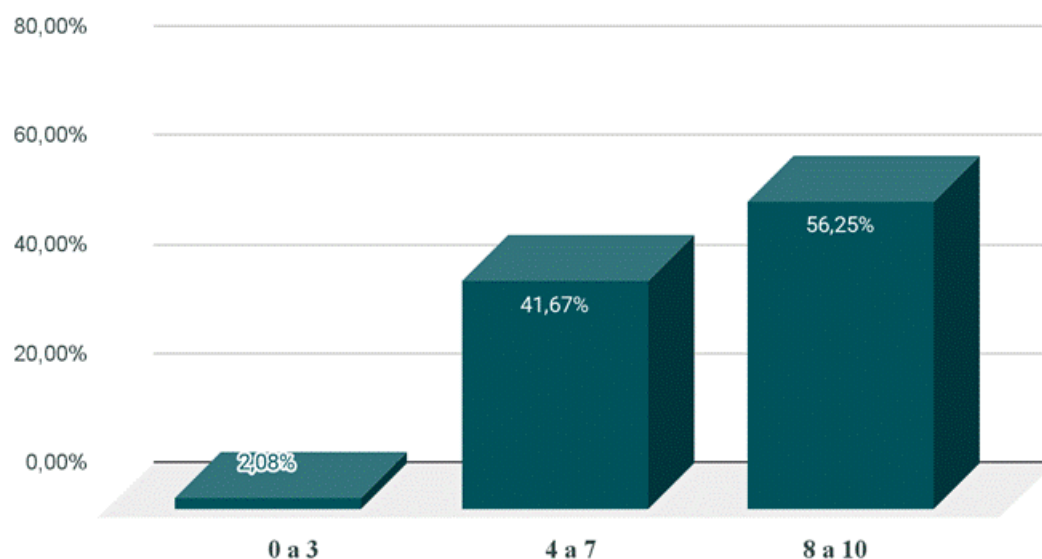


Gráfico 03 - Quanto Você Se Sentiu Capaz De Atuar Na Defesa/Zaga Nesse Jogo? Fonte: Elaboração Própria.

Por conseguinte, ao indagar sobre o que as jogadoras acharam mais divertido neste evento, podemos observar múltiplas respostas, em primeira análise, com 13. 95%, competir contra outros times foi um dos percentuais

consideravelmente pouco, porém, vale destacar que a competição cuja natureza primária é vinculada ao confronto, em desafios presentes e ao jogo, que se conserva a essência do esporte (Crane; Temple, 2015).

Portanto, o competir entre si aconteceu, porém, não em uma proporção considerada alta com base nas respostas, assim, relacionando o percentual de marcar gols com 6,98%, considerável pouco em relação às respostas.

Vale ressaltar, a inclusão de atletas mais experientes que podem assumir outras responsabilidades dentro jogos, por exemplo, atuar em outra posição que não seja natural de maior rendimento, atuar em posições de articulação do jogo, oferecendo uma contribuição competitiva junto aos demais atletas nos processos de aprendizagem. (Leonardo; Galatti; Scaglia, 2017).

Contudo, a oportunidade de competir é fundamental para a aprendizagem, pois, esse fluxo de aprendizagem entre diferentes cenários de prática esportiva seja duradouro, evitando a elitização esportiva, cujo o rendimento é altamente influenciado por questões biológicas, cronológicas e pelo tempo de experiência na prática esportiva (Leonardo; Galatti; Scaglia, 2017).

Ambientes excessivamente burocratizados inclinam-se a elitizar a oportunidade de prática competitiva e não buscam atuar no sentido de compreender que competir também é um processo de aprendizagem. (Leonardo; Galatti; Scaglia, 2017).

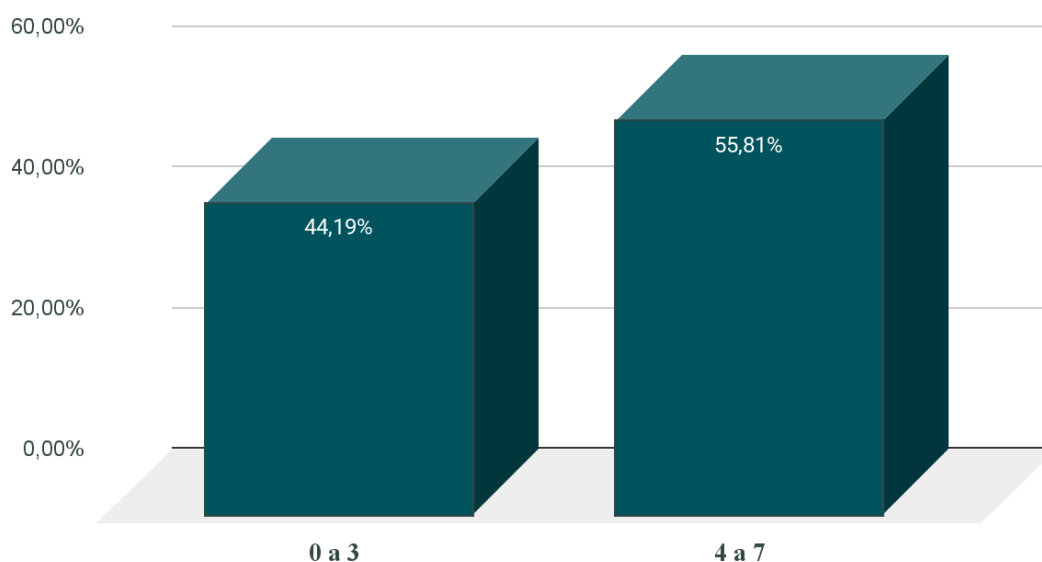
Portanto, a busca de ambientes menos burocratizados, a oferta e disponibilidade de ambientes nos bairros com fácil acesso para uso é um fator que está presente neste dado, pois, 6.98% evidenciaram sobre jogar em uma quadra diferente.

Por tais razões, promover oportunidades para vivenciar competições, festivais de iniciação é fundamental para a aprendizagem da prática esportiva seja contínua, a fim de promover não apenas o estímulo, aprendizado a competição, mas também, conforme evidencia os seguintes percentuais de 23.26% sobre conhecer outras meninas de outros lugares, 39.53% estar com as amigas jogando futsal e 9.30% ter seus pais assistindo você jogar.

A interação foi um percentual considerado muito, em relação às respostas, tendo em vista, a troca de interações foi conveniente com um percentual significativo, concordando também em estar num ambiente com as amigas, construindo um ambiente perceptível a troca de valores, interações e estímulos, pois ter os pais assistindo ao jogo foi um fator divertido, sendo um ambiente de construção de experiências como podemos observar no gráfico 08.

Gráfico 08 - O Que Você Achou Mais Divertido Nesse Evento? Fonte: Elaboração Própria.

O QUE VOCÊ ACHOU MAIS DIVERTIDO NESSE EVENTO?



7. CONCLUSÃO

A análise realizada no contexto do Festival Infanto Juvenil de Futsal Feminino Let It Gol evidenciou que a participação ativa das meninas, aliada a um ambiente seguro e inclusivo, é determinante para potencializar tanto o desempenho técnico quanto a vivência positiva da competição.

As meninas relataram participação no jogo bastante positiva, tanto no número de toques na bola quanto no tempo de atuação e na satisfação geral. Além disso, o alto índice de satisfação indica que estar ativamente envolvidas no jogo fez com que se sentissem bem e engajadas.

Os resultados demonstraram que altos níveis de percepção de participação refletidos em indicadores como maior tempo de jogo, frequência de toques na bola e envolvimento nas ações ofensivas e defensivas, estão diretamente associados a experiências mais abrangentes de diversão, que englobam não apenas o aspecto competitivo, mas também elementos sociais e afetivos, como a convivência com amigas e o apoio da família.

Por outro lado, níveis mais baixos ou intermediários de participação revelaram que a satisfação tende a se concentrar em momentos pontuais, geralmente relacionados à superação individual ou a conquistas específicas, como marcar gols ou vencer adversárias. Essa diferença reforça que a construção de oportunidades equilibradas de envolvimento é essencial para que todas as atletas, independentemente do nível de habilidade ou tempo de prática, possam experimentar os múltiplos benefícios da competição.

O estudo também destacou que fatores como adaptação de regras, tempo adequado de atuação e estímulo à autonomia das jogadoras são estratégias pedagógicas eficazes para ampliar o engajamento e a autoconfiança.

Além disso, a iniciativa reafirma a relevância de projetos como o Let It Gol no combate às desigualdades de gênero no esporte, favorecendo não apenas a inserção, mas o protagonismo feminino em modalidades historicamente masculinizadas, como o futsal.

Conclui-se, portanto, que a integração entre participação ativa, ambiente motivador e abordagem formativa da competição é capaz de promover um desenvolvimento integral das atletas, fortalecendo tanto competências técnicas quanto valores sociais, emocionais e éticos, contribuindo para um cenário esportivo mais inclusivo e igualitário.

8. REFERÊNCIAS FINAIS

- ALTMANN, H., Ayoub, E., & Amaral, S. C. F.. (2011). Gênero na prática docente em educação física: **"meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?**. Revista Estudos Feministas, 19(2), 491–501.
- ALTMANN, Helena. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola**. Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 2, p. 491-501, 2011.
- BANDURA, A., & National Inst of Mental Health. (1986). Social foundations of thought and action: **A social cognitive theory**. Prentice-Hall, Inc.
- BANDURA, A., & Locke, E. A. (2003). **Negative self-efficacy and goal effects revisited**. Journal of Applied Psychology, 88(1), 87–99.
- BANDURA, A. (1977). Autoeficácia: **Rumo a uma teoria unificadora de mudança comportamental**. Revisão Psicológica, 84(2), 191–215.
- BETTEGA, Otávio Baggiotto *et al.* **A competição na iniciação ao futebol: considerações sobre a organização do jogo e a participação no ambiente competitivo**. Motrivivência, [s. l.], v. 32, n. 62, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020.e66716> Acesso em: 9 maio 2025.
- CRANE, Jeff; TEMPLE, Vivienne. **A systematic review of dropout from organized sport among children and youth**. European physical education review, v. 21, n. 1, p. 114-131, 2015.
- DREWE, Sheryle Bergmann. Competing Conceptions of Competition: **Implications for Physical Education**. European Physical Education Review, v. 4, n. 1, p. 5-20, 1998.
- DONNELLY, Jordan A.; WHITLEY, Meredith A.; COWAN, Daryl T.; MCLAUGHLIN, Sara; ARTHUR, Rosie. The Homeless World Cup through storytelling: **The narratives of Street Soccer players from Scotland and the USA**. Psychology of Sport & Exercise. 2023.
- GOELLNER, S. V. **Políticas públicas inclusivas: educando para a equidade de gênero no esporte e no lazer**. In Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. 17, 2011. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre. UFRGS. 2011. p.1-12.
- KERNE, F. Futebol feminino na escola: **a perspectiva de alunos do ensino fundamental**. RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 6, n. 22, 26 ago. 2014.

LEONARDO, Lucas; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José. **Disposições preliminares sobre um modelo de participação competitiva para jovens e o papel do treinador. Pedagogia do esporte: novas tendências.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, p. 301-324, 2017.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides. “Temos que devolver o jogo ao (à) jogador (A)”: **as dimensões éticas e morais da pedagogia dos esportes coletivos a partir de abordagens baseadas no jogo.** Movimento, v. 28, p. e28040, 2022.

Louzada de Jesus, M.; Devide, F. P. Educação Física escolar, Co-educação e Gênero: **mapeando representações de discentes.** Revista Movimento. Vol. 12. Num. 3. p.132-140. 2006.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELINA, Gabriela Borel; SOUZA, Letícia Carvalho de. **Mapeando as margens do futebol de mulheres no Brasil: um olhar interseccional sobre as experiências e as barreiras para a prática desse esporte.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 46, p. e20240061, 2024.

MARTINS, H. H. T. DE S.. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação e Pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289–300, maio de 2004.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **O Futebol é delas: cartilha pedagógica.** [S. l.]: Grafitusa, 2020.

MONTENEGRO, G. M. **Futebol e futsal feminino no Brasil: uma análise da produção de conhecimentos nos periódicos acadêmicos da educação física no Brasil.** RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 14, n. 57, p. 1-10, 20 jun. 2022.

MONTENEGRO, Gustavo Maneschy. **Women’s futsal football in brazil an analysis of knowledge production in academic physical education journals in brazil.** revista brasileira de futsal e futebol, [s. l.], v. 14, n. 57, p. 1–10, 2022.

MONTEIRO, Fábio Magno da Silva. **Os fundamentos do futsal.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação EAD em Educação Física. —Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2019.

Mourad Ouzzani, Hossam Hammady, Zbys Fedorowicz e Ahmed Elmagarmid. **Rayyan — um aplicativo web e móvel para revisões sistemáticas.** Revisões sistemáticas (2016) 5:210, DOI: 10.1186/s13643-016-0384-4.

OPPICI, L., Panchuk, D., Serpiello, F. R., & Farrow, D. (2018). **The influence of a modified ball on transfer of passing skill in soccer.** Psychology of Sport and Exercise, 39, 63–71.

ORTEGA-TORO, E., García-Angulo, A., Giménez-Egido, J.-M., García-Angulo, F. J., & Palao, J. (2018). **Efeito das modificações nas regras da competição sobre a participação de goleiros juvenis masculinos no futebol.** Revista Internacional de Ciência do Esporte e Coaching, 13(6), 1040-1047.

PEREZ, A. J. **Quem são os atletas e os não atletas no processo de treinamento?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 21(2/3):129-132, 2000.

SARAIVA, M. do C. **Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer?** Revista Motrivivência. Vol. 13. Num. 19. p.79-85. 2002.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. **Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, p. 163-170, 2016.

SALVINI, L.; Ferreira, A. L. P.; Marchi Júnior, W. **O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010).** Pensar a Prática. Vol. 17. Núm. 4. 2014.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários** / Sonia Vieira. -- São Paulo: Atlas, 2009.

ZOURBANOS, N., Haznadar, A., Papaioannou, A., Tzioumakis, Y., Krommidas, C., & Hatzigeorgiadis, A. (2016). **The relationships between athletes' perceptions of coach-created motivational climate, self-talk, and self-efficacy in youth soccer.** Journal of Applied Sport Psychology, 28(1), 97–112.

9. ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Selecione uma opção de 0 a 10 para cada pergunta!

Quanto você classifica que você participou do jogo ajudando sua equipe?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pouco			Mais ou menos					Muito		

Quanto você se sentiu capaz de chutar ao gol nesse jogo?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pouco			Mais ou menos					Muito		

Quanto você se sentiu capaz de atuar na defesa/zaga nesse jogo?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pouco			Mais ou menos					Muito		

Quanto você se sentiu capaz de roubar bolas da adversária?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pouco			Mais ou menos					Muito		

Quanto você se sentiu capaz de driblar uma adversária?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pouco			Mais ou menos					Muito		

Quanto você se sentiu que nesse jogo você tocou na bola?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pouco			Mais ou menos					Muito		

Com relação ao tempo que você jogou no festival, você acha que foi:

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pouco			Mais ou menos					Muito		

O que você achou mais divertido nesse evento?

() competir contra outros times

() ter seus pais assistindo você jogar

() conhecer outras meninas de outros lugares

() estar com as amigas jogando futsal

() marcar gols

() jogar em uma quadra diferente